

ENSINO DE HISTÓRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: A PESQUISA NA GRADUAÇÃO E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Francisco Saraiva da Silva Júnior¹; Tania de Assis S. Granja²

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FFP/PIBIC, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil, franciscouerj2020@gmail.com

²Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FFP, tasgranja@gmail.com

Introdução

O contexto político brasileiro foi afetado e transformado pelo aprofundamento do neoliberalismo e seu ideário. Essas transformações atingiram diversas áreas da sociedade brasileira, mas em especial a educação. Ao introduzir nas políticas educacionais concepções como gerencialismo, meritocracia e responsabilização, conforme apontado por Freitas (2012) e Ball (2005), observou-se um fortalecimento de discursos que atacam à educação pública e o trabalho docente, expressos em movimentos como “Escola sem Partido”, escolas cívico-militares e o homeschooling. Ao mesmo tempo, em que reduz-se o financiamento do sistema educacional público da Educação Básica ao Ensino Superior, levando a cabo a crescente ideia de privatização e a desresponsabilização do Estado em garantir o ensino público, gratuito e de qualidade para toda a população do país.

Nessa perspectiva, este trabalho busca compreender como os alunos desenvolvem conhecimentos e habilidades fundamentais na disciplina de História, analisando os impactos dos eventos históricos recentes, tanto nas práticas pedagógicas do professor quanto nos conhecimentos produzidos pelos alunos em sala de aula, visando conhecer a percepção destes acerca da escola, do ensino e da disciplina de História, buscando avaliar a capacidade reflexiva dos alunos e os desafios enfrentados pelo trabalho docente. Para isso, este estudo dialoga com autores como, Bourdieu (1998), Freitas (2012), Sacristán (2000), entre outros.

Metodologia

Esta pesquisa está em andamento, é de natureza qualitativa, de cunho etnográfico em que busca-se compreender as dinâmicas das relações sociais estabelecidas no contexto da sala de aula e seus desdobramentos no processo de ensino-aprendizagem. Como destaca André (1995, p. 28), enquanto a etnografia tradicional se dedica à descrição cultural, os estudos em educação concentram-se na compreensão dos processos educativos. Nesse sentido, a pesquisa etnográfica se mostra particularmente adequada para a investigação dos eventos ocorridos no campo, uma vez que possibilita ao pesquisador observar de forma abrangente, conforme enfatiza Mattos (2011, p. 51), “[...] holisticamente, [...] os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação”.



A pesquisa de abordagem etnográfica reside na participação direta do pesquisador na vida cotidiana e na cultura dos sujeitos pesquisados e, também, na realidade estudada, “[...] podendo reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária” (André, 1995, p. 41). Nessa perspectiva, o pesquisador se insere no cotidiano do grupo estudado tornando-se um “nativo” (Corsaro, 2005) e adota uma posição de observação “de perto e de dentro”, conforme proposto por Magnani (2002). Esta abordagem possibilita a coleta de informações diretamente no contexto dos sujeitos pesquisados e, “[...] enquanto parte do contexto de observação estabelece uma relação face a face com os observados.” (Neto, 2004, p. 59). Ademais, como destaca Mattos (2011, p. 51), a etnografia permite o estudo dos “[...] padrões mais previsíveis das percepções e comportamento manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda, ainda, os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos”. Desse modo, a permanência do pesquisador no campo por um período prolongado é fundamental para o bom andamento do estudo e da coleta de dados. Assim, a pesquisa se orienta para uma análise detalhada do conhecimento e das práticas curriculares construídas no cotidiano da sala de aula.

A pesquisa teve como *locus* uma escola da rede municipal de São Gonçalo. Foram acompanhadas e observadas três turmas, sendo duas turmas de 6º ano e uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental. No que se refere aos procedimentos metodológicos, a investigação fundamentou-se na observação participante e na descrição densa (André, 1995; Mattos, 2011), utilizou-se as anotações no caderno de campo, além da análise documental e do registro fotográfico. Além disso, foi realizada uma oficina pedagógica num trabalho colaborativo (Damiani, 2008) com o professor das turmas e com o grupo de pesquisa, tendo sido abordado o tema do conteúdo que estava sendo trabalhado naquele momento que era “Democracia Grega”. A oficina teve como objetivo apresentar, analisar e debater os conceitos previamente pesquisados pelos alunos acerca da temática, tais como: cidadania, eleições, voto popular, e etc., favorecendo a construção coletiva do conhecimento. Através desses meios buscou-se esclarecer e responder às hipóteses formuladas para esta pesquisa.

Resultados e discussão

No trabalho de campo realizado, foi perceptível o interesse dos alunos do 6º e 7º ano pelas aulas de História. No entanto, as dinâmicas de ensino e aprendizagem foram muito prejudicadas pelo contexto que a escola viveu no ano de 2024. O professor demonstrou, em momentos específicos, grande habilidade em sala de aula, tornando o aprendizado mais envolvente. Contudo, isso ocorreu de forma esporádica dada as condições de precarização do trabalho docente. Por outro lado, os desafios enfrentados pela escola impactaram diretamente o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, a escola sofria com a escassez de recursos de toda ordem, como a falta de professores, o que obrigava o docente a adiantar conteúdos e a juntar turmas, chegando a ter até três turmas na mesma sala, além das outras turmas que ele revezava para aplicar o conteúdo da disciplina. Outro aspecto que agravava esta situação é a redução dos tempos de aula semanal, dentre outras. Essa sobrecarga compromete, sobremaneira, a qualidade da aula e a interação entre professor e seus alunos. Um ponto importante a se destacar foi a carência socioeconômica dos alunos da escola, na qual era notório a situação de vulnerabilidade social.



Durante conversas com o professor, destacou-se a recorrente menção à condição social dos alunos da escola, marcada por situações evidentes de vulnerabilidade social. Em um desses momentos, o docente, em tom de preocupação e lamento, afirmou que os alunos eram “a cara da pobreza”, isto é, refletiam de forma direta as condições de pobreza vivenciadas por suas famílias e pelo território em que a escola está inserida. Tal observação não se configurou como um julgamento desses alunos, mas como uma crítica, e principalmente, uma lamentação às desigualdades sociais acentuadas que atravessam suas trajetórias escolares. Bourdieu (1998) vai discutir que o fracasso não é, na maioria das vezes, uma ação individual, mas sim, socialmente reproduzido pela escola.

Diante desse recorte, Bourdieu (1998) destaca que a escola age sob uma aparente neutralidade e igualdade formal, isso contribui para a reprodução das desigualdades sociais, pois a escola trata os alunos como se estes tivessem (ou não) dons naturais, quando na verdade se trata de uma herança cultural de classes. A escola ignora a histórica herança socioeconômica de seus alunos, levando-os a serem frutos de uma reprodução das condições sociais já impostas e a escola ao invés de se tornar um fator de mobilidade social, se torna o contrário disso, um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois legitima as desigualdades sociais (Bourdieu, 1998)

Apesar da qualidade do professor, as condições de trabalho prejudicaram a utilização de práticas metodológicas mais críticas e reflexivas, em que o uso excessivo do livro didático e a prática de copiar textos e exercícios sem que ocorresse explicações mais aprofundadas foram recorrentes e diminuíram, consideravelmente, as oportunidades de reflexão dos alunos. No entanto, em uma ocasião específica no 3o.bimestre, realizou-se uma oficina sobre “Democracia Grega”, que proporcionou uma dinâmica que incentivou a reflexão e a participação ativa dos alunos.

A dinâmica da oficina consistiu em tirar os alunos da monotonia e do conturbado e desorganizado cotidiano da sala de aula. Com isso, juntamente ao professor, levamos as turmas de 6º e 7º ano para o laboratório de informática, onde pesquisaram sobre democracia grega e democracia brasileira e definições sobre cidadania, cidadão e cidade nas respectivas democracias. Posteriormente, em sala de aula, a atividade foi articulada ao contexto das eleições municipais, utilizando esse acontecimento como elemento mobilizador para a reflexão coletiva. A partir disso, foram discutidas as diferenças entre as formas de democracia e seus modos de funcionamento, relacionando-as às eleições municipais e aos seus impactos na organização da cidade e no campo educacional. Essa proposta favoreceu o diálogo, o trabalho coletivo e a troca de ideias entre os alunos, contribuindo para o fortalecimento das relações sociais e para a construção compartilhada do conhecimento.

Diante disso, o professor e o grupo de pesquisa elaboraram uma atividade prática baseada na democracia grega, os alunos deveriam formar grupos e cada grupo deveria propor 5 melhorias para a escola. Após a elaboração das propostas, houve um processo democrático de votação das propostas, que foi o momento de destaque da aula, em que ocorreram discussões acaloradas para que se escolhesse as melhores propostas, alunos que se destacavam pela bagunça, nessa aula, se destacaram por assumir as rédeas do debate, utilizando bordões clichês do mundo político em tom de piada.

De modo geral, a atividade mostrou-se muito produtiva, pois possibilitou o desenvolvimento da capacidade reflexiva dos alunos acerca das eleições que ocorreriam em âmbito municipal, sobre as condições que a escola se encontrava e trouxeram, também, um tom de protesto a escola/educação que é oferecida a eles. Nesse sentido, torna-se fundamental inserir os alunos nos espaços de debate e reflexão, uma vez que, a cultura geral de um povo depende da cultura que a escola é capaz de proporcionar a esse povo (Sacristán, 2000), assim eles precisam estar conscientes sobre os seus direitos como cidadãos e alunos da rede pública municipal.

Além disso, a interação entre os alunos mostrou-se fundamental, pois a oficina tornou possível a construção de um espaço de diálogo, cooperação, escuta mútua e compartilhamento de ideias na qual isso tudo se sobrepõe a uma realidade marcada por situações cotidianas de vulnerabilidades. Estes alunos, frequentemente, precisam lidar em suas vidas, com diferentes formas de violência, sejam elas simbólicas, sociais ou materiais. Portanto, a oficina contribuiu para fortalecer e ressignificar as relações entre os alunos e a escola.

Conclusão

O ensino de História, nesse contexto, foi impactado por condições de precarização e falta de condições de trabalho no ambiente escolar, falta de estrutura, falta de professores, evasão escolar, etc. A junção de turmas, aliada à redução da carga horária, compromete a construção de um ensino crítico e reflexivo. No entanto, a experiência da oficina sobre democracia grega evidencia que, em condições mais adequadas, seria possível promover um ensino com mais qualidade e um aprendizado mais significativo para os alunos.

Os dados desta pesquisa, ainda que no âmbito de uma análise em curso, revelam-se de grande importância tanto para a formação acadêmica quanto para a constituição de um conhecimento voltado a entender a realidade escolar. A inserção no cotidiano da escola possibilita ao pesquisador articular teoria e prática, desenvolvendo um olhar crítico e sensível sobre a realidade escolar, para além das abordagens exclusivamente teóricas. Além disso, a produção do conhecimento a partir da presença no campo pesquisado, estar “de perto e de dentro”, como destaca Magnani (2002) revelou-se fundamental para compreender as dinâmicas institucionais, relações sociais e significados que são expressos no cotidiano da sala de aula, o que dificilmente seria possível por meio de análises distanciadas.

Palavras-Chave: Neoliberalismo; Trabalho Docente; Práticas Curriculares; Abordagem Etnográfica.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BALL, S. Profissionalismo, Gerencialismo e Performatividade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 539-564, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a02n126.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura**. Escritos de educação, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 41-63.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/HkDSKzZZJKdsSFtqBHmZxbF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2025.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educação em Revista**. Curitiba, v.24, n.31, p.213-230, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/12795/8687>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 379-404, 2012. Disponível em: [SciELO - Brasil - Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação](#). Acesso em: 25 mar. 2025.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Edupeb**, Campina Grande, 2011, p. 49 - 83. Disponível em: [GL1 A abordagem etnográfica na investigação científica.pdf \(usp.br\)](#). Acesso em: 25 mar. 2025.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**. São Paulo, v. 17, p. 11-29, 2002. Disponível em: [Revista ANPOCS N. 49 - 2002 \(scielo.br\)](#). Acesso em: 25 mar. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza.; DESLANDES, Suely Ferreira.; NETO, Otávio Cruz.; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2004, p. 27-48.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 51-61.

SACRISTÁN, José G. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

